



FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

20^º COLÓQUIO
DE MODA

17^ª EDIÇÃO INTERNACIONAL
19^º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11^º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Vestuário como resistência: figurinos e autoritarismo em *O Conto da Aia*

DEBOM, Paulo. Doutor. Senai Cetiqt /Escola de Artes Celso Lisboa.
paulodebom@gmail.com¹

Esta comunicação propõe uma análise dos figurinos da série *O Conto da Aia* (2017-2025), baseada no romance distópico de Margaret Atwood (1985), com ênfase nas relações entre vestuário, cores e resistência política. A série apresenta um regime teocrático cristão que estabelece rígidos mecanismos de controle sobre os corpos das mulheres, especialmente no que diz respeito à reprodução. Neste contexto, o vestuário assume função central, operando como marcador do papel de grupo naquela sociedade. As Aias, mulheres férteis submetidas à reprodução forçada, vestem túnicas vermelhas e toucas brancas. Esses trajes funcionam como dispositivos que bloqueiam a individualidade e evidenciam a lógica de uma estrutura que transforma o corpo feminino em território de dominação política. A cor vermelha, como analisa Eva Heller (2013), associa-se simultaneamente à vida e à violência, ao sangue e à paixão, reforçando o lugar da Aia como corpo fértil e, ao mesmo tempo, controlado. Já o branco das toucas remete à castidade e à submissão, criando um contraste cromático que potencializa visualmente a função de vigilância e silenciamento. As esposas dos comandantes usam vestidos em tons de azul e verde, cores que remetem ao distanciamento, serenidade e autoridade moral, enquanto as Marthas, encarregadas do trabalho doméstico, vestem-se de cinza, cor

¹ Doutor em História Política pelo PPGH-UERJ. Docente do Senai Cetiqt e da Escola de Artes Celso Lisboa. Pesquisador do NEHMI-UERJ (Núcleo de Estudos em História da Moda e da Indumentária). Editor da Revista Veredas da História (UFBA).

associada à utilidade e apagamento. As Tias, responsáveis pela doutrinação das Aias, trajam marrom, tom terroso que sugere rigidez, tradição e ausência de desejo. Os comandantes, por sua vez, usam ternos escuros, em geral pretos ou cinzas, que evocam poder, sobriedade e distanciamento emocional. Cada grupo, portanto, é rigidamente identificado por uma cor que reforça sua função e seu lugar no sistema. A paleta cromática elaborada pela série é desenhada para estabelecer posições sociais e sugerir um cenário de contenção. No entanto, mesmo sob repressão, surgem brechas que desafiam o controle dominante e tensionam sua rigidez.

O uso político do vestuário na lógica dessa comunicação se articula com as ideias de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1994;1995) em suas reflexões sobre os corpos em meio ao universo das sociedades de controle. A roupa deixa de ser apenas uma superfície vestível e passa a atuar como expressão de resistência micropolítica. A presente análise é orientada por uma abordagem interdisciplinar que articula estudos do campo da História (Mônica Kornis, José D'Assunção Barros), da teoria das Cores (Eva Heller e Michel Pastoureau), da estética cinematográfica (Marcel Martin e Gérard Betton) e da Filosofia (Felix Guatarri e Gilles Deleuze).

A relevância desta pesquisa se intensifica diante do cenário político contemporâneo, marcado pelo avanço de grupos de extrema-direita em diversas partes do mundo. Esses movimentos frequentemente articulam discursos de ódio ancorados em interpretações religiosas de caráter fundamentalista, promovendo o controle dos corpos e o cerceamento de direitos civis, sobretudo das mulheres e comunidade LGBTQIAPN+. Inspirados por retóricas neofascistas, esses grupos mobilizam símbolos, afetos e imaginários que buscam naturalizar estruturas autoritárias. Analisar os figurinos de *O Conto da Aia*, portanto, permite compreender como o audiovisual constrói visualmente narrativas que denunciam essas formas de opressão e, ao mesmo tempo, oferecem possibilidades de resistência e mobilização. Trata-se de um exercício necessário para refletir sobre as formas de comunicação política e estética que atuam tanto na sustentação quanto na contestação das ideologias autoritárias em circulação.

Palavras-chave: controle; resistência; figurino.

Referências bibliográficas

ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. São Paulo: Rocco, 2017.

BARROS, José D'Assunção. Cinema e História – considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas. **Comunicação & Sociedade**. São Paulo. 2011, p.175-202. Disponível em: [\(PDF\) Cinema e história – considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas](#). Acesso em 22 de maio de 2025.

BETTON, Gérard. **A Estética do Cinema**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

COSTA, Francisco Araújo da. O figurino como elemento essencial da narrativa. **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, volume 8, n. 38, 2002, p. 38-42. Disponível em: [O figurino como elemento essencial da narrativa | Sessões do Imaginário](#). Acesso em: 01 de março de 2025.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. IN: **Conversações: 1972-1990**. São Paulo: Editora 34, 1994, p. 219-226.

HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: GG Brasil, 2013.

KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, 1992, p. 237-250. Disponível em: [História e Cinema: um debate metodológico. | Revista Estudos Históricos](#). Acesso 23 de março de 2025.

MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. São Paulo: editora Brasiliense, 2009.

PASTOUREAU, Michel. **Dicionário das Cores do Nosso Tempo**. Lisboa: Estampa Editorial, 1997.